

# MEMÓRIA, IMAGINÁRIO E HISTÓRIA DE VIDA: EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO ESTÁGIO DE ARTES VISUAIS

Júlia Andressa Schütz  
Universidade Federal de Santa Maria  
julyaschutz@gmail.com

**Resumo:** A fim de discutir e pensar que modo todos nós temos, armazenamos e compartilhamos lembranças ou memórias de nossa infância e adolescência, Memória foi o tema central da prática de docente de Artes Visuais em formação realizada junto à turma 92 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farcena (Santa Maria/RS), no segundo semestre de 2015. O presente artigo, realizado a partir desta experiência em sala de aula, busca investigar como a apresentação de um objeto (ex.: um brinquedo) pode servir de elemento impulsionador para que seja possível estabelecer uma identificação entre os estudantes e aquilo que lhes é apresentado. Abordando conceitos como Memória, Imaginário e História de vida, procurou-se verificar de que modo a atividade da docência pode servir de estímulo ao pensamento e à produção de narrativas que, por sua vez, permitem a reflexão de uma terceira pessoa e que pode levar à uma nova produção de narrativas e assim por diante.

**Palavras-chaves:** Memória. História de vida. Imaginário. Docência em Artes Visuais. Identificação do outro

## MEMORY, IMAGINARY AND LIFE HISTORY: FORMATIVE EXPERIENCE ON THE INTERNSHIP IN VISUAL ARTS

**Abstract:** In order to discuss and think about how we all have, store and share keepsakes or memories of our childhood and adolescence, Memory was the central theme of the practice of trainee teacher of Visual Arts performed next to class 92 of Municipal Elementary School Vicente Farcena (Santa Maria/RS), in the second half of 2015. The present article, performed from this experience in the classroom, seek to investigate how the presentation of an object (ex.: a toy) can serve as a booster element to make it possible establish an identification between students and what is presented to them .By addressing concepts such as Memory, Imaginary and Life's history, it was examined how the teaching activity can serve as a stimulus to thought and production of narratives which, in turn, allow the reflection of a third person and which can lead the new production of narratives and so on.

**Keywords:** Memory. Life's history. Imaginary. Visual Arts Teaching. Identification of the other

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como temas disparadores Memória e Imaginário abordados na atividade de estágio realizada junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farencena (Santa Maria/RS) no segundo semestre letivo de 2015. Relativo ao projeto de pesquisa desenvolvido em sala de aula, será abordada minha caminhada no estágio, relatando experiências e desdobrando conceitos empregados junto aos estudantes.

Apontando de que modo se dá, segundo Dewey (2010), Jauss (1979) e Ricoeur (2007), a **identificação do outro com uma obra de Arte**, procuro também constatar **como um estudante é capaz de atualizar suas próprias vivências no contexto das aulas de Artes através da realização de trabalhos “plásticos”**, trazendo à tona **memórias, Imaginário e Experiências-de-vida** (o que serviu, também, para compreender a remissão às **minhas Experiências-de-vida** e ao **meu Imaginário** na prática em ateliê).

Finalmente, procuro verificar até que ponto a docência estimula essa “produção refletida” – cujo resultado possibilita uma identificação.

## MEMÓRIA, IMAGINÁRIO, IDENTIFICAÇÃO: PRÁTICA EM ATELIÊ E DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS

A presente investigação não só partiu, mas gira em torno do conceito de Memória vinculado à questão: “como podemos, ao perceber uma imagem, lembrarmos de alguma coisa distinta dela” (RICOEUR, 2007, p. 36).

Conceitos tais como **Memória, História de vida e Imaginário** estão não só relacionados àquilo que realizo junto ao Ateliê de Pintura 1336 do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, mas também àquilo que venho desenvolvendo na prática de docente em formação, a fim de pensar **novos/outros olhares destes conceitos sob a perspectiva dos estudantes**.

Em ateliê, exploro **minhas memórias e vivências de menina**, materializando-as num trabalho visual e plástico. Colocando na tela em branco o que me é de extrema importância (ou algo que me pareça familiar), consigo explorar mesmo o que me era “distante”, e que surge, agora, como algo que pode “estar em minhas mãos”: algo que consigo tocar novamente com **ressignificações** diferentes. Estas

ressignificações surgem quando, partindo de imagens que nunca vi (e que, contudo, me “tocam”), **torno o que me era “estranho”, uma verdade para mim**: carrego-as de sentimentos e de emoções.

A partir desta prática em ateliê, busquei inserir temas referentes à Memória e Imaginário também na atividade de docente em formação. Ali, procurei pensar **como eu, docente em formação, conseguiria trabalhar a temática da Memória evocando no estudante seu Imaginário e estabelecendo alguma relação com sua História de vida** – compreendendo esta última como “referência das tomadas de posições e dos processos-projetos de formação do nosso estar-no-mundo singular/plural por meio da exploração pluridisciplinar, ou para alguns transdisciplinar e da sua complexidade biográfica” (JOSSO, 2004, p. 29), i.e., uma abordagem de caráter **autobiográfico**, que possibilita **vincular Experiências-de-vida com Experiências profissionais (transdisciplinariaede)**, tanto para a criança quanto para o adulto.

Neste sentido, a ferramenta do **diário de aula** mostrou-se válida para a reflexão e organização da atividade de docência. Compreendendo estes diários, segundo Porlán e Martín (1997, p. 18) – citados por Charréu e Oliveira (2015, p. 412) –, como “instrument[os] que permit[em] ao professor investigar e refletir sobre a prática educativa, testemunho biográfico de sua Experiência”, ali foram colocadas não somente palavras, mas também imagens, recortes de revistas, poesias, músicas e tudo o que estivesse ligado não só à docência, mas às vivências minhas e dos próprios estudantes.

Paralelo a isso, referente tanto àquilo que realizo em ateliê quanto à atividade desenvolvida em sala de aula, busquei investigar, num âmbito social, **como se dá a identificação com o outro através de um trabalho plástico e, sobretudo, verificar até que ponto a atividade de docência, a partir dessa identificação, é capaz de estimular uma “produção refletida” dos estudantes.**

Tendo isso em mente, deram-se os desdobramentos de minha pesquisa e do problema do presente trabalho. Esta investigação teve como marco contextual a prática de estágio realizada junto à turma 92 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farenzena. Ali, nas proximidades da Universidade Federal de Santa Maria, Memória foi o tema central em sala de aula.

Compreendendo **Memória** como:

“capacidade de reter um dado da Experiência ou um conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente [...] [, ] de relacionar um evento atual com um evento passado de mesmo tipo, [...] **de evocar o passado através do presente**” (JAPIASSU; MARCONDES, 2006, p. 183).

esta pesquisa teve início numa atividade realizada com os estudantes, na qual se fazia necessário que estes evocassem suas memórias para identificar – sem poder ver e só pelo tato! – objetos colocados dentro de uma caixa a sua frente.

Buscando reconhecer estes objetos só com base na Memória, todos os estudantes, a partir de então, relataram se experienciaram alguma relação ou aproximação com os objetos. Nestes relatos orais, constatou-se uma grande aproximação entre estudantes e objetos (bonecas, ursinhos, carrinhos, etc.), de modo que o objeto (brinquedo) oferecido serviu de elemento impulsionador no estabelecimento de **uma identificação entre os estudantes e aquilo que lhes foi apresentado**.

Feito isso, num segundo momento foi solicitado aos estudantes que realizassem uma produção plástica, isto é, a construção de seus próprios brinquedos. Partindo de suas memórias e lembranças, deveriam inventar ou reinventar um brinquedo: reproduzir algo com o que gostavam de brincar ou ainda criar algo novo (mas que mantivesse alguma relação com eles próprios).

Não mais restritos, os estudantes, a resgatar Experiências vividas – i.e., à Memória –, fez-se necessário abordar o conceito de **Imaginário**, sendo este o “conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, através dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade ou a si mesmo” (JAPIASSU; MARCONDES, 2006, p. 143).

Trabalhar com Imaginário implica trabalhar com **o que “rompe” com o mundo físico**, com a possibilidade de algo “não-existente” que, todavia, mantém vínculo com o existente (mundo “real”). Diferente da Memória, **o Imaginário trazido à tona não diz respeito necessariamente ao real (em sentido forte)**, surgindo, nesse processo, justamente quando os estudantes criaram um brinquedo; algo inventado por eles, mas que, embora novo, permitia uma identificação com a sua realidade.

Ora, compreendendo que em educação:

“o ponto de partida não é a igualdade [...] [pois] o que realmente está sendo verificado uma e outra vez e em **diferentes iterações** é a

desigualdade e a diferença [i.e. que é em vista da diferença que aprendemos e graças a esta que ocorrem, realmente, as trocas de Experiências]” (MASSCHELEIN, SIMONS, 2014 p.121).

foi natural (e de certa forma, necessário!) que **cada estudante, no decorrer da atividade, reagisse de forma distinta**: pois cada um usou de **suas** vivências e de **seu** Imaginário para realizar seu trabalho.

Contudo, no momento em que foi solicitado aos estudantes que, com base em suas vivências e Imaginário, elaborassem **narrativas** sobre o brinquedo recém-construído – assumindo que este “é o melhor modo de representar e entender a Experiência” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 48) – e quando, posteriormente, trocaram entre si o que haviam feito, **verificou-se que era possível ao outro ver a si mesmo**, i.e., estabelecer uma **identificação dos colegas entre si** com base nestes relatos, nestas narrativas referentes a **algo que pertencia a cada um e a todos eles**.

Finalmente, foram levados aos estudantes artistas que trabalhavam com a questão do brinquedo e da Memória (ex.: Joaquin Torres-Garcia, Alexander Calder, Iberê Camargo), e que também, a partir de suas vivências, criavam suas obras. Nesse momento, **eles mesmos – estudantes – estabeleceram uma identificação com estas obras – i.e., entre aquilo que pertence ao Imaginário e à Memória dos artistas e aquilo que diz respeito às suas próprias memórias e Imaginário**.

Partindo do princípio que:

“O sujeito, enquanto utiliza sua liberdade de tomada de posição perante o objeto estético irreal, é capaz de **gozar tanto o objeto, cada vez mais explorado por seu próprio prazer, quanto seu próprio eu, que nesta atividade se sente libertado de sua experiência cotidiana**, ] [p]or conseguinte, o prazer estético realiza-se sempre na relação dialética do **prazer de si no prazer no outro** [...] um modo **da experiência de si mesmo na capacidade de ser o outro**, capacidade a nós aberta pelo comportamento estético” (JAUSS, 1979, p. 76-7).

podemos dizer que a utilização de um objeto (quer seja brinquedo, quer seja trabalho plástico) nas aulas de Artes cumpriu com o objetivo de **impulsionar, estimular a identificação dos estudantes com o objeto em questão** – através de suas memórias, Imaginário, História de vida e Experiências – e **uma eventual identificação de algo comum aos estudantes entre si**, assumindo que a

“identificação [como etapa da percepção] pode despertar atenção” (DEWEY, 2010, p. 322).

Foi possível, assim, no desenvolvimento das atividades realizadas, perceber como os estudantes identificavam-se com trabalhos plásticos uns dos outros: pois no momento em que se dava a troca dos brinquedos – e com eles, as narrativas – a identificação era tal que um colega dava continuidade à narrativa do outro, somando a ela elementos tirados de sua própria História de vida, de suas memórias e de seu Imaginário.

Por fim, se à diferença da ciência, que afirma significados:

**“a Arte os expressa [...] [e a exemplo de uma sinalização de trânsito,] orienta a rota de alguém para algum lugar, digamos, uma cidade [, ] [n]ão proporciona, de nenhum modo, uma Experiência dessa cidade [...] [, mas] exp[õe] algumas das condições a serem satisfeitas para se obter essa Experiência [...] [, ] expõe as condições em que é possível ter a Experiência de um objeto ou uma situação [...], constitui uma afirmação eficaz, na medida em que as referidas condições sejam expostas de um modo que possa ser usado como uma *instrução* para se chegar à Experiência”** (DEWEY, 2010, p. 182-3).

creio ser possível afirmar que a docência em Artes Visuais é capaz de servir como **estímulo à reflexão e à produção de narrativas** que, por sua vez, permite a reflexão (e identificação!) de uma terceira pessoa e que pode levar a uma nova produção de narrativas e assim por diante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em referência a Foucault, Masschelein e Simons (2014) colocam que:

“também a Experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. **Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido** [, mas para] liberar-nos de certas verdades, de modo de deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p.5).

Foi tendo isso como base que se desenvolveram as atividades de estágio, os planos de aula e, conseqüentemente, o presente artigo: que eu, enquanto docente – embora docente em formação – não deveria apenas transmitir conhecimento, mas sim transformar o meu saber em algo novo.

Isso posto, ao término da experiência supracitada, creio ser possível descrever meu papel em sala de aula como algo semelhante a uma “placa de sinalização”: estava ali para orientações; para sanar, mas também fomentar dúvidas e questionamentos. Em nenhum momento, porém, como reprodutora de conhecimento, permitindo aos estudantes que tivessem suas próprias Experiências tendo como referências Memória e Imaginário.

A fim de verificar como eu, enquanto docente/discente, compreendo questões referentes à Memória, História de vida, Imaginário e Experiência em Artes Visuais, busquei uma forma coesa e acessível de trabalhar estes conceitos com os estudantes para que também eles pudessem melhor compreendê-los no decorrer das atividades realizadas junto à E. M. de E. F. Vicente Farencena. Somado a isso, procurei **entender o outro no campo da educação num âmbito pessoal e social**, abordando a problemática da Arte como meio de expressão e capaz de estabelecer relações de identificação.

Levantando como pergunta inicial do projeto “até que ponto a docência estimula uma produção refletida”, com base nos trabalhos e relatos dos estudantes afirmo que a docência em Artes pode, sim, estimular uma atividade artística refletida. Isso porque **cada estudante compôs suas próprias narrativas, evocando suas memórias e seu Imaginário** – os quais, nada obstante têm (ou podem ter), como visto, um ponto em comum.

Na expectativa deste trabalho servir de abertura a futuras pesquisas visando compreender melhor a natureza da Experiência (e da Experiência em Artes Visuais),

pretendo dar continuidade a este estudo analisando diferentes olhares sobre os referidos conceitos, focando a investigação e a atividade de docente de Artes em formação em escolas rurais próximas a Santa Maria.

## REFERÊNCIAS

CHARRÉU, L. V.; OLIVEIRA, M. O. de, Diários de aula e portfólios como instrumentos metodológicos da prática educativa em artes visuais. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 156, p. 410-425, abr./jun. 2015.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M., **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DEWEY, J., **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D., **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JAUSS, H. R., O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: \_\_\_\_\_. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82.

JOSSO, M. C., **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M., **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.